

Festas de Mouros e Cristãos. Culturas Festivas Ressignificadas – Uma Introdução

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.74.1>

Rita Ribeiro

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-2330-1696>
rmgr@ics.uminho.pt

Emília Araújo

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-3600-3310>
era@ics.uminho.pt

As festividades de mouros e cristãos são grandiosas e multitudinárias, com longa história e ativas em muitos países de diferentes continentes (Fernandes, 2022; Harris, 2000; Macedo, 2008; Pinto, 2000; Ribeiro et al., 2022). Elas celebram, recriam e cocriam as ondas do encontro e reencontro histórico entre a Cristandade e o Islão. Fazem-no através da mitificação e da metáfora, encapsulando manifestações festivas que, mais do que rememorações de um acontecimento histórico longínquo que é contado e re-imaginado ao longo do tempo, revolvem constantemente as questões da alteridade, da relação com o “outro” – o diferente (Cunha, 2019; Macedo, 2008). Desafiam-nos, portanto, a refletir sobre as relações de simetria, mas também de dominação em relação ao “outro”, trazendo-o ao palco do presente.

As festas de mouros e cristãos configuram, simulam e resolvem conflitos socialmente estruturais diversos, incluindo de classe e de gênero (Araújo & Ribeiro, 2021; Cunha, 2019). O seu estudo torna-se fundamental para entender os processos mais profundos de interação e relação entre culturas, a várias escalas. Entender a festa e fazer a festa são tempos e espaços recreativos (Araújo et al., 2019) extremamente importantes para a veiculação de poder, relativamente a quem se vê espelhado, embora pela inversão, no seu enredo. Num mundo atravessado por conflitos que retomam outros conflitos, de onde a religião e as ideologias políticas não podem ser dissociadas, as festividades “de cristão e mouros” são territórios de afirmação e de encontro intercultural a explorar também do ponto de vista dos processos migratórios e de alteridade que marcam as sociedades atuais (Vishkin & Bloom, 2022).

Além do seu valor socio-histórico e do efeito contemporizador relativamente a oposições e a assimetrias que continuam a ser estruturantes hoje em dia no mundo, tais manifestações são tempo de festa, de convívio e de celebração da comunidade consigo própria e na demonstração de si, perante as comunidades vizinhas. Por isso, estas festas são espaços-tempo de efervescência que refletem as emoções vividas de forma coletiva, transportando um sentido identitário profundo reconhecido pelas instituições e poderes políticos, visitantes, turistas e demais públicos. Igualmente, são espaços-tempo de análise da existência e da espessura dessas fronteiras identitárias e da forma como se tornam, ou não, elas próprias, enclaves de autenticidade e de singularidade significativas do ponto de vista da (não) comunicação com o “outro”.

A festa não é apenas o que acontece no dia ou dias festivos, nem se esgota nas ritualizações e codificações simbólicas. No tempo presente, é importante o estudo sobre a importância das festas na identidade das comunidades que as concretizam em ciclos regulares e as reconhecem como herança ou património, ou seja, como expressão central da sua memória coletiva e marcador identitário. É esta perscrutação sobre o passado que permite almejar a sua continuidade através do tempo e das gerações. Hoje, e fruto de dinâmicas diversas que conduzem à economia do passado e à abertura deste a várias formas de capitalização, é crucial considerar a constelação de fenómenos que se entrosam no tempo da festa e dar relevo a outras temáticas, tais como a sua história e disseminação geográfica, os processos de patrimonialização da herança cultural, ou de turistificação (Araújo & Ribeiro, 2019; Cunha, 2022).

A presente obra nasce com o propósito de aprofundar o diálogo entre diversas perspetivas de estudo e análise de festas muito diversas e geograficamente

afastadas, mas, simultaneamente, próximas em termos culturais, históricos e simbólicos. Acolhe capítulos redigidos por investigadores de diferentes campos disciplinares (antropologia, sociologia, história) e contextos, no âmbito de investigações baseadas em metodologias diversas que privilegiam as dimensões compreensiva e interpretativa na abordagem às festas de mouros e cristãos.

Como decorre da exposição, com a publicação desta obra pretendemos contribuir para uma reflexão acerca dos processos contemporâneos de ressignificação multidimensional das festas de mouros e cristãos. Isso implica dar relevo à relação dinâmica entre as festas e o mundo: a história secular destas manifestações festivas, os usos sociais e políticos e as transformações da cultura festiva, as estratégias de valorização de que são exemplo a turistificação das manifestações festivas e os processos de classificação como património cultural imaterial, as formas de apropriação pela comunidade e as relações de alteridade. Deste modo, não descurando a vertente descritiva das festividades, esta obra representa um contributo para o aprofundamento do conhecimento nesta área, propondo uma análise comparativa e socio-histórica, mas também geográfica e sociológica, de várias dimensões importantes para perceber os reptos colocados pela renovação e refuncionalização contemporâneas destas festividades e problematizar as transformações que atravessam.

É ainda nosso propósito contribuir para colmatar a ausência de publicações sobre as festas de mouros e cristãos que abarquem o espaço ibero-americano e que sejam mais do que um mapeamento descritivo destas festividades. Como tal, os capítulos desta obra são orientados por uma visão analítica e crítica, no contexto atual de discussão do lugar das festividades no desenvolvimento dos territórios e também de transformações sociais que impulsionam as festividades para reconfigurações cujos efeitos têm contornos não previstos. Neste sentido, além da produção de conhecimento e valorização destas festividades, consideramos fundamental destacar o ponto de vista interdisciplinar sobre as festividades de mouros e cristãos, favorecido pela participação de investigadores de várias áreas científicas e que desenvolvem pesquisa em diversos países, designadamente Espanha, Brasil e Portugal. Por fim, consideramos relevante sublinhar a abordagem crítica sobre temáticas e dimensões que marcam na contemporaneidade estas manifestações culturais, a partir dos desafios epistemológicos e metodológicos que nos propõe o estudo das culturas festivas.

Este livro conta com oito textos, cujos contributos se sintetizam de seguida.

Gil-Manuel Hernández i Martí assina o texto “La Cultura Festiva Contemporánea” (A Cultura Festiva Contemporânea), explorando a crescente relevância das festividades no contexto da modernidade globalizada e como as festas têm revelado ser uma forma singular de património cultural (património festivo) e recurso turístico, legitimando a sua institucionalização e a existência de uma política cultural focada na gestão de festividades. Disso mesmo dá conta ao percorrer os principais modelos festivos que é possível identificar hoje em Espanha. O texto constitui uma reflexão crítica sobre as significações associadas às festas tradicionais nas sociedades contemporâneas e oferece o enquadramento das transformações das culturas festivas, ancorando a sua análise nos processos sociais e políticos que as reconfiguram, onde convivem “o controlo, a resistência e a negociação”. Convertida em “condensador patrimonial”, a festa torna-se uma celebração reflexiva da identidade, onde cabem fenómenos evidentes de retraditionalização e refuncionalização. O autor termina com uma reflexão oportuna acerca da crise ecossocial, chamando a atenção para o risco de emergência cultural, uma vez que o colapso dos sistemas económico, político e social trará consigo não apenas a destruição dos ecossistemas e das economias, mas também das culturas.

No texto “Origen y Evolución Histórica de las Fiestas de Moros y Cristianos” (Origem e Evolução Histórica das Festas de Mouros e Cristãos), José Fernando Domene Verdú aborda a origem e a evolução histórica das festas de mouros e cristãos. O autor apresenta uma sistematização abrangente e exaustiva da história das manifestações festivas de lutas e danças de mouros e cristãos em Espanha, cujos primeiros registos datam da Idade Média, e acompanha a sua disseminação e desenvolvimento ao longo dos séculos XVI e XVII, sobretudo em Espanha, mas também em Portugal, impulsionados pela Contrarreforma. Por efeito da expansão marítima destas nações, estas celebrações são levadas para os territórios colonizados na América do Sul, África e, mesmo, Ásia como instrumento de evangelização dos povos indígenas. Ao longo dos últimos três séculos, as festas transformaram-se consideravelmente, sobretudo em resultado da fusão de vários elementos e momentos festivos (as festas dos santos patronos, as representações de mouros e cristãos e as soldadescas), da influência da burguesia urbana em ascensão, bem como das preocupações de fidelidade histórica nas representações (designadamente nos trajes usados pelos participantes), da criação de música *festera* e, mais recentemente, do aumento exponencial de festeiros, incluindo a participação das mulheres.

Albert Alcaraz Santonja debruça-se sobre a presença de elementos religiosos, políticos e militares nos eventos que hoje são reconhecidos como antecedentes da atual festa de mouros e cristãos. No texto “Más Allá de lo Religioso, lo Político y lo Militar. La Dimensión Lúdica y Transgresora en los Antecedentes de la Moderna Fiesta de Moros y Cristianos” (Além do Religioso, do Político e do Militar. A Dimensão Lúdica e Transgressora dos Antecedentes da Atual Festa de Mouros e Cristãos), o autor defende que a dimensão lúdica está presente em todos os estágios evolutivos desses atos, seja sob a forma tradicional de danças, mascaradas, justas, soldadescas, simulações de batalhas marítimas e terrestres, ou na sua transformação em desfiles sumptuosos e encenações espetaculares. O entretenimento, o espetáculo e a diversão, mas também a transgressão e a intensificação da sociabilidade, foram sempre parte integrante das celebrações festivas que vieram a ser designadas “festas de mouros e cristãos”, e o aspeto lúdico continua hoje central na ação ritual das festividades. Esta parece ser a característica que atravessa os tempos e que permite a estas festas seculares e tradicionais continuarem a fazer sentido para quem nelas participa hoje, quando os demais elementos (a rememoração das lutas religiosas da Reconquista e as atividades guerreiras) são anacronismos.

Marlène Albert Llorca coloca em debate a perspetiva antropológica sobre as festas de mouros e cristãos em contraponto com os estudos históricos – científicos ou amadores – que privilegiam a busca das origens. No texto “La Cuestión de la Historia en el Enfoque Antropológico de las Fiestas Alicantinas de Moros y Cristianos” (A Questão da História na Abordagem Antropológica das Festas de Mouros e Cristãos de Alicante), a autora propõe uma análise antropológica das festas que sublinha as suas funções sociais e o sentido que têm para quem as faz e que problematiza a relação complexa com a história. A partir do trabalho de campo realizado nas festas de Alicante, a autora destaca duas conceções que se evidenciaram no último meio século. Por um lado, os estudos centrados na “preocupação historicista” transportam uma visão essencialista – centrada na identificação dos elementos originários e em impedir que sejam alterados – e têm por efeito estabelecer um entendimento normativo da festa enquanto recriação histórica das batalhas da Reconquista, evitando, assim, que a festa se torne num “carnaval” de que fiquem ausentes a dimensão religiosa e a evocação dos feitos militares. Do outro lado, situa-se uma conceção centrada nas performances contemporâneas, no cruzamento entre as mudanças sociais e as da cultura festiva e no sentido lúdico e identitário que tem para as pessoas, nomeadamente a valorização do seu lado estético, humorístico, de sociabilidade e de experiência da alteridade e do exotismo.

Luís Cunha prossegue com a análise antropológica, desta vez aplicada à maior das festividades de mouros e cristãos em Portugal. O autor dedica o texto aos temas da “Inversão e Alteridade na Bugiada e Mouriscada: A Festa Como Pedagogia”, considerando que a festa não existe apenas num espaço e num tempo concretos, mas faz dessas categorias elementos essenciais para a sua afirmação como recurso utilizado pelas comunidades nos processos sociais que as constroem. Entre a tradição e a modernidade, as comunidades confrontam-se hoje com a patrimonialização e a turistificação das suas festas. Estes processos são, contudo, atravessados por dilemas: por um lado, o reconhecimento patrimonial a que corresponde um “princípio de preservação”; por outro lado, a “dinâmica de mudança”, com riscos de desapropriação, trazida pela lógica mercantil do turismo. No caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, o autor argumenta que, embora essa festa se estruture na base de uma antinomia explícita (mouros *versus* cristãos), o seu sentido mais profundo é intracomunitário, assentando numa relação tensa e, simultaneamente, complementar entre uma geração que emerge (jovens/mouriscada) e uma outra que lhe cede o passo (seniores/cristãos). Para além disso, os mourisqueiros (grupos de rapazes solteiros que representam os mouros) não saem vencidos da batalha, nem são sujeitos a conversão religiosa, daqui se podendo concluir acerca da sua “centralidade e superioridade simbólica”, bem como do “sentido pedagógico” desta festa.

No capítulo intitulado “Cavalcadas de Pirenópolis (Brasil, Goiás): Reflexões Sobre Políticas de Turismo e Patrimoniais em um Rito Equestre”, Bruno Goulart Machado Silva aborda as cavalcadas, uma manifestação típica dos festejos de mouros e cristãos, que resulta da influência cultural e religiosa portuguesa no período colonial. Na cidade brasileira de Pirenópolis, estão associadas à Festa do Divino Espírito Santo, reconhecida em 2010 como património imaterial pelo Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional. O autor destaca a evolução e as mudanças verificadas nesta manifestação festiva e mostra como está a passar por um processo de turistificação, de que é exemplo a construção do cavalcódromo, que visa acolher mais visitantes e contribui para converter o ritual festivo num espetáculo. O texto reflete também acerca da relação entre turismo e património cultural, analisando os desafios e os riscos da política do património imaterial nesse contexto e sublinhando as tensões entre sujeitos diversos que emergem nesse cenário.

Amanda Geraldês debruça-se, igualmente, sobre as cavalcadas de Pirenópolis, focando a sua análise na cultura material da festa. Para além da descrição da celebração, o texto, intitulado “A Cultura Material das

Cavalcadas de Pirenópolis, Goiás/Brasil”, detém-se na compreensão da importância dos objetos e artefactos cerimoniais, que expressam símbolos e significados, ao materializarem e construírem sentidos em seus usos e funções na prática ritual. Esses objetos rituais marcam e identificam a festa e tornam-se centrais na produção de memórias na comunidade. O texto documenta os saberes associados à manufatura artesanal dos múltiplos objetos usados, desde as várias peças da indumentária usada pelos cavaleiros (e que distinguem os dois grupos, mouros e cristãos, bem como a escala hierárquica dos vários papéis representados), aos adereços colocados nos cavalos e às máscaras em papel, tradicionalmente usadas pelos mascarados, e, primorosamente, elaboradas à mão.

Agradecimentos

Este trabalho está parcialmente associado à investigação realizada no âmbito do projeto *FESTIVITY – Festa, Património Cultural e Sustentabilidade Comunitária. Investigação e Comunicação no Caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado*, cofinanciado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), com a referência PTDC/COM-CSS/31975/2017.

Referências

- Araújo, E., & Ribeiro, R. (2021). Ser bugia e dizer-se bugio: Uma análise da participação das mulheres no tempo da Festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado, Portugal. *Revista Género*, 22(1), 1–27.
- Araújo, E., Silva, M., & Ribeiro, R. (2019). O tempo da comunidade e o tempo do turismo: Notas sobre duas festas. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 6(2), 89–107. <https://doi.org/10.21814/rlec.2368>
- Cunha, L. (2019). Mouros contra cristãos: Simulação da guerra ou encontro de culturas? *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 6(2), 37–49. <https://doi.org/10.21814/rlec.2367>
- Fernandes, A. (2022). Mouros e cristãos: Da Ibéria reconquistada à conquista do novo mundo. In C. Teixeira, V. Gonçalves, P. O. Fernandes, & C. S. Araújo (Eds.), *Livro de atas de Congresso LUSOCONF2021* (pp. 313–321). Instituto Politécnico de Bragança. <http://hdl.handle.net/10198/25130>
- Harris, M. (2000). *Aztecs, Moors and Christians: Festivals of reconquest in Mexico and Spain*. University of Texas Press.
- Macedo, J. R. (2008). Mouros e cristãos: A ritualização da conquista no velho e no novo mundo. *Bulletin du Centre d'Études Médiévales*, (2), Artigo 12. <https://doi.org/10.4000/cem.8632>

Pinto, M. (2000, 19–22 de abril). *A Bugiada: Festa, luta e comunicação* [Apresentação de comunicação]. IV LUSOCOM – Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, São Vicente, Brasil.

Ribeiro, R., Araújo, E., Silva, M., & Fernandes, A. (Eds.). (2022). *Festividades, culturas e comunidades: Património e sustentabilidade*. UMinho Editora/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73>

Vishkin, A., & Bloom, P. B.-N. (2022). The influence of religion on the acceptance and integration of immigrants: A multi-dimensional perspective. *Current Opinion in Psychology*, 47, Artigo 101421. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101421>